

# Nhaque, *games* e cu-de-galinha

CELSO GUTFREIND\*

---

RESUMO - Neste artigo relatamos momentos do tratamento psicanalítico de Gregory, um menino de dez anos, que tem entre seus principais sintomas uma adição aos *games*. Ao longo de uma reflexão sobre a eficácia dos jogos eletrônicos como um mediador ou brinquedo na infância, o material clínico apresenta a co-construção realizada ao longo dos encontros analíticos e o efeito continente deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE - Psicanálise da infância. Co-construção. Games. Jogos eletrônicos.

## **Nhaque, *games* and “cu-de-galinha”**

ABSTRACT – In this article we report moments of the psychoanalytic treatment of Gregory, a ten year old boy, who has among its main symptoms an addition to games. Throughout a reflection on the effectiveness of electronic games as a mediator or a childhood toy, the clinical material presents the co-construction performed throughout the analytical encounters and the containing effect of this work.

KEYWORDS – Infancy psychoanalysis. Co-construction. Games. Eletronic games.

Gregory tem dez anos, mas já é pós-graduado em *games*. O tempo dele é outro. O tempo dele é hoje. Agora. Gregory desconhece o depois. Impossível, a olho nu de um psi em idade mais ou menos avançada, acompanhar o movimento ágil da ponta de seus dedos. E de seu pensamento, embora a ambivalência de considerar que haja ali um pensamento.

A pós-graduação de Gregory é em comércio exterior de *games*, além do seu conteúdo interno. Em dois cliques ele adentra a internet, as redes sociais e conecta-se com o mundo inteiro. Tem um codinome bastante conhecido e respeitado no ramo.

Na linguagem do meu ramo, às vezes sinto que ele não parece jogar. Não parece brincar e sim “conectar-se” para desconectar-se do que lhe falta. Como um adito. Como um adito qualquer. Ainda não sei o que lhe falta, mas já desconfio de que é lá no começo e sinto que é enorme, pois Gregory tem dificuldades de continuar e se agarra ao *game* como um usuário de morfina que acompanhei, certa vez, quando fazia Plantão na Emergência de um Hospital Geral. Acho que ali entendi o que era uma fissura e que estar fissurado não era nada prazeroso ou produtivo. Tinha a ver com vazio, com abismo.

Muito difícil conectar-se verdadeiramente com Gregory. Mantê-lo, digamos

---

\* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBPdePA) e escritor

assim, em consultas ambulatoriais. Acho que por isso me lembrei dos tempos de Hospital Geral. Nunca acho gratuito o que os pacientes nos fazem lembrar. O meu cansaço com Gregory, após uma dessas primeiras tentativas, evocou-me o de mães de recém-nascidos com que trabalhei quando fazia Plantão no Serviço de Obstetria do mesmo Hospital Geral. Mais uma lembrança encobridora, parafraseando Freud (1899), e talvez reveladora.

Achei aquilo muito importante e cheguei a anotar entre as minhas primeiras observações sobre o Gregory. Eu tinha muito poucas observações sobre ele. Eu ficava tão cansado que pensei em indicar Comunidade Terapêutica para ele. Também pensei em internação. Eu nem sabia se ainda se internavam crianças em Porto Alegre. Acabei indicando quatro sessões semanais para Gregory. Eu indiquei seis, mas a família negociou quatro. No começo, naquela época, nos dias em que eu o atendia, eu precisava dormir, na noite anterior, duas horas mais cedo que o habitual. Portanto, eu dormia mais cedo quatro vezes por semana. Acho que eu precisava sonhar por mim e por ele.

Na vigília, entre as lembranças de Plantões em emergências e obstetria, lembrei-me de temas da saúde coletiva, eu que, nos anos Noventa, fui um Médico Geral Comunitário. Lembrei-me de que certa vez dei uma palestra numa escola sobre a redução de danos em usuários de drogas. Mais do que as duas tópicas freudianas, a lembrança dessa aula em que também falei sobre a fissura foi muito importante para iniciar o trabalho com Gregory.

As consultas seguintes começaram a cansar um pouco menos (a não extenuar, pelo menos), embora tenham aumentado o meu sentimento de culpa. Sempre que o meu sentimento de culpa aumenta em meu trabalho, eu o divido com o paciente como se o seu Supereu sádico trouxesse de volta o meu, adormecido depois de tanta vida e tanta análise. Afinal, nunca estamos prontos em meio a análises intermináveis e edições provisórias (Drummond, 2012 e Freud, 1937).

Ali, com Gregory, parecia uma redução de danos. Parecia não: era mesmo. Parecia dessensibilização. Parecia não: era mesmo. Terapia cognitivo-comportamental. Sugestão, de levantar da tumba o James Strachey (1933), do Supereu sádico.

Eu não me sentia um analista ou um terapeuta de orientação analítica. Eu assistia Gregory assistir aos *games* em cliques sucessivos, compulsivos, incessantes sem produção maior de pensamentos ou esboços de simbolização ou expressão de afetos.

Eu me lembrava de Nicolas Carr, a um só tempo especialista, paciente e crítico das novas tecnologias, mencionado pelo ficcionista Mário Vargas Llosa (2013, p.189): “Perco a calma e o fio da meada, começo a pensar em outra coisa para fazer. Sinto-me como se estivesse sempre arrastando meu cérebro desconcentrado de volta para o texto. A leitura profunda, que costumava vir naturalmente, transformou-se em esforço”.

Um psiquiatra veria na descrição um entendimento perfeito dos efeitos de um Déficit de Atenção com ou sem hiperatividade.

Um psicanalista veria na descrição um entendimento perfeito dos efeitos de quem perdeu o fio da subjetividade e embrenhou-se no vazio, na anomia.

Minha culpa voltava a adormecer quando, finda a sessão de *games*, eu vasculhava daqui e dali e resgatava um Supereu que me dizia ternamente (se é que algum Supereu possa ser terno) não haver, no momento, outra forma de mantê-lo ali, assim como não há muitas referências específicas, no campo da psicanálise, para a drogadição cibernética na infância contemporânea (pós-psicanálise) e o quanto produtos culturais daninhos ocupam este espaço adito assim como medicações legalmente prescritas ocupam o espaço adito dos adultos. Desconfia-se de que há relação entre ambos.

Gregory agitava-se sem assistir os *games*. Sabia tudo deles, do *minecraft* aos últimos lançamentos, da tela ao i-wi. Ali sim era expressivo:

- I-wi? Decadente – afirmava sem titubear.

Buscava os *games* freneticamente e me apresentava para eles, enquanto de-pauperado sensitivamente, sobrevivendo à custa do intelecto, eu os considerava lineares, repetitivos, estereotipados, esvaziados de poesia e narrativa.

Aquilo que senti como a minha primeira intervenção maior foi de ordem prescritiva: limitei o tempo. Poderia me sentir na esfera da sugestão, mas eu agora já não largava deste, digamos assim, Supereu mais terno. Vinte minutos de *games*, decretei como um pai qualquer. Foi duro, um pouco mais para ele do que para mim. Eu me aproveitava da experiência do dia em que retirei o bico da minha filha. Quando fui, claro, pai e não psicanalista. Quando teoria nenhuma nos socorre da contaminação ancestral de uma angústia que é quando em geral somos mais humanos e também terapêuticos. A experiência, apesar do que disse Pedro Nava (1972), pode ser dois faróis apontados para trás.

- Sobram vinte e cinco minutos – ele disse, interrompendo as minhas divagações em busca de narrativa e poesia.

Retomando a nossa interação, comentei que os *games* não haviam me deixado ver que ele era tão bom em matemática. Ele parece ter apreciado o comentário, mas logo deixou um esboço de sorriso para rebater:

- Fazer o que com vinte e cinco minutos? Encher o saco?

Depois de afirmar, talvez de dentro de um complexo edipiano, mas também de uma reflexão interessante, que o meu saco deveria ser muito maior do que o dele, repetiu a pergunta:

- Fazer o que com vinte e cinco minutos? Encher o saco?

Respondi dessa vez que talvez isso acontecesse, mas a gente podia tentar fazer diferente.

- Como? – ele desejou saber.

Eu não sabia e respondi que não sabia, mas que talvez fosse pegando uma revista em quadrinhos, um livro, brincando com uma bola ou outro jogo. Propus enfim o que eu assistia e o que eu utilizava para espantar o meu tédio ancestral que, como o dele, contemporâneo, nunca foi pequeno.

Ele não parecia me ouvir, mas mantive a prescrição. Seguido, agora, eu lia sozinho acompanhado por Gregory. Ou, acompanhado por ele, jogava bola sozinho, fazendo embaixadinhas que eu comentava quando acertava ou quando errava, olhando-o de esguelha ou nem olhando. Era, então, a vez de ele me assistir sozinho como eu fizera antes. O mesmo teatro, talvez, com a inversão de papéis. Momento de psicodrama como é tão frequente no tratamento com crianças. E adultos.

Acho que agora ele realmente se enchia o saco na minha frente e cheguei a constatar consternado que uma das principais funções de um psicanalista da infância especialmente na contemporaneidade pode ser tornar-se um instrutor especialista em ajudar a suportar o tédio, tema meio tabu nas melhores casas do ramo.

Achei que era importante que ele experimentasse comigo aquela solidão. Achei que podíamos. Que eu emprestava não a minha capacidade de suportar solidões vida afora, mas ali dentro junto com ele.

Aos pouquinhos, mas bem aos pouquinhos, com o tempo com o qual ele não estava acostumado, vinha jogar um pouco comigo. Eu o convidava, mas não insistia; às vezes, vinha quando a bola escapava dos meus pés e caía perto dele (não sou muito bom em embaixadinhas, meu máximo é nove, *in door*).

Às vezes, ele vinha negociar comigo. Gregory era um ótimo negociante, eu aprendi a dar pro gasto depois de muita análise, tédio, solidão. Ele costumava negociar com os *games* no colégio, vendendo velhos jogos para comprar novos, o que eu considerava uma qualidade. Aliás, entusiasmava-se ao contar isto que eu considerava um de seus reservatórios de saúde. Então, eu me lembrava do Godô, um colega que era ótimo negociador de gibis e contei essa história para ele. Ele perguntou se o Godô era bom em *games*. Eu respondi que, quando chegou o Atari, o Godô já era meio velho como eu. Ele riu com a história e sua transmissão, a única que o interessou entre tantas que eu contava: nunca quis saber de Harry Potter, mas convenhamos que uma única história pode ser suficiente para nos salvar.

Por ser negociante, ele negociava comigo mais minutos além dos vinte permitidos. Às vezes, ele me enrolava, em outras eu me deixava enrolar, às vezes confesso que era impossível distinguir uma situação da outra. Também pensei ali que um psicanalista da infância não deve dar muita trela para a sua paranoia.

Um dia, ele conquistou uma sessão inteira de *games*, numa manobra complicada, difícil de explicar, mas foi crescendo minutos de bônus que eu nem me lembrava de que havia negociado. Ele disse:

- Tu esqueceu. A memória dos mais jovens é melhor.

Não estava mentindo, eu andava meio esquecido mesmo.

O humor é um bom indicador, senão o principal (Freud, 1927; Quintana, 2013) de que um encontro produziu melhora ou movimento (Pontalis, 2013). Então, eu o assistia e agora, após as negociações e as novas interações, eu conseguia pensar melhor e pensava no quanto os *games* o ajudavam a não ser

psicótico, a não ser completamente sozinho, a conectar-se com um alemão, um croata, um holandês, embora virtualmente e menos realmente comigo.

Devo confessar que os efeitos não eram inócuos. Assim como a minha frágil contratransferência, meu sistema de antivírus ainda não era suficiente para sobreviver (Winnicott, 1965) à impureza de sites que ele frequentava. Certa feita, um desses vírus literalmente alterou a placa de vídeo da minha velha máquina e tive de ser socorrido, horas depois, pelo Andreo, meu técnico em informática, que felizmente é zen budista e me ensina muito de psicanálise. Aliás, sempre desconfiei de que se o Andreo atendesse o Gregory, a evolução seria maior.

Na sessão seguinte, o computador, maleável à la Marion Milner (1991), estava intacto e pronto, a la Winnicott (1965), para novos ataques. Nesse dia, Gregory interessou-se pela primeira vez pelo gibi do Cebolinha que viu na sala de espera. E fez o seguinte comentário:

- Parece o João, um abobado. O João nunca passou da terceira fase do *Dream of Gods*.

Embora ignorante confesso do *Dream of Gods*, aquilo parecia realmente grave, eu disse, e ele concordou sem pestanejar. A todas essas, me ensinou a passar da segunda fase do *Angry Birds* (para ele, um relaxante superficial) e nunca disse que eu era um abobado, embora eu soubesse que ele pensasse assim de mim. Gregory já filtrava e não tinha um arremedo de Supereu e sim algo que agora o ajudava, se é que assim podemos falar de um Supereu diante de alguém às voltas com a construção dos alicerces do seu Eu.

Eu também não pensei dele que era um abobado só porque não sabia a diferença dum nhaque e dum cu-de-galinha quando jogávamos bolinha de gude. Eu pensaria isso dele se fosse antes. Mas era agora em pleno clima de aceitação da diversidade a la Derrida (apud Peeters, 2013).

Nos jogos, Gregory identificava-se com as personagens violentas, os mata-dores, e eu não disfarçava a minha ambivalência e preocupação de vê-lo assim, embora menor do que se não pudesse jogar ou contar. Acho que fizemos juntos uma terceira ópera, no sentido atribuído por Bernard Golse (1999) ao resultado de uma terceira história a partir do encontro de duas, a do bebê e a da criança (bebê transferido, para nós) numa verdadeira co-construção a la Lebovici (1998).

Talvez possa vir daqui uma das grandes perguntas para o tema e confesso que, entretido com Gregory, não o fiz direito:

- Os produtos culturais hoje são bons mediadores para essa co-construção?

Com Gregory aprendi que não posso disfarçar o meu preconceito com *games* e a nova indústria cultural infantil, especialmente eletrônica, pobre de poesia, pobre de narratividade, pobre de subjetividade, embora o pobre, o velho, o esquecido possa em parte também ser eu que, por outro lado, não quero ser o último dos românticos como às vezes parece até o grande Vargas Llosa, citado acima. Essa ideia não vem do Supereu sádico, assim espero, mas do que pude tratar da minha onipotência de meu Eu. Com ou sem ela, não posso disfarçar o que vejo de negativo nessa parte da cultura.

Ao mesmo tempo, aprendi que em nosso trabalho estamos sempre postos à prova nas contra atitudes, em nosso ideal (de paciente, de mediação) e a saúde, a maior saúde pode ser administrar o narcisismo com um Supereu menos sádico, o mesmo que emprestaremos ao paciente, seja em que idade for, seja de que forma for, interpretando, olhando, calando e simplesmente estando junto.

Parênteses. Gosto da palavra epifania. Dos momentos *turning points* de uma vida e de uma análise. Vivi uma com Gregory enquanto ele jogava *Battle of the Behemoths*. Para mim, trata-se de mais um jogo sem muita subjetividade em que um monstro gigante tenta matar um monstro menor. Não há intriga, trama, poesia. Tudo se passa com muita violência.

Para Gregory – e aprendi a respeitar o seu ponto de vista – trata-se de um robô do bem que tenta matar um pato bebê. Eu sempre achei importante que o inimigo fosse descrito por ele como um bebê assassinado à la Winnicott (1965). Numa determinada sessão, ele jogava enquanto eu me entediava como de hábito, vendo a cena de canto de olho até que Gregory falou:

- Por que tu não narra a luta?

Acendi-me na hora. Esvaziou-me o saco, passou o tédio e comecei:

- O robô do bem acaba de acertar um direto de esquerda e mostra muita agilidade nas pernas. Faz uma esquiwa perfeita e acerta no meio da cara do monstro pato bebê. Ao final da luta, o Gregory perdeu, e eu disse:

- Não sabemos ainda se o resultado foi justo, mas temos certeza de que o robô do bem vem fazendo progressos nos seus golpes.

Para mim, o principal progresso era ele poder ouvir um narrador. O mesmo – ou melhor, outro – que ele se tornaria pouco tempo depois.

Para mim – e para o Benjamin(2014), o Diatkine (1994) e o Freud (1937) – uma criança que é capaz de ouvir um narrador e narrar por conta própria está curada. Superou o silêncio ruidoso do nascimento, o ruído silencioso do Supereu, o monstro bebê, a carência e mesmo os péssimos mediadores de uma Sociedade da Cultura do Espetáculo e da Adição.

Se algo ele pôde aprender foi isto. Algo de novo para ele. Algo de novo para mim. Pouco talvez e muito velho no sentido de suportar a realidade e encontrar o outro para construir uma história. A história é a cura. A única possível, talvez, independente do tempo, da época, da cultura e do que ela proponha para se assistir.

No mais, realidade, realidade, realidade. E não vamos nos iludir mais do que foi necessário no começo do tratamento e há de ter faltado no começo da vida do Gregory. Ao final, a realidade nos encontra um pouquinho mais capazes de suportar, aceitar, encontrar e contar. A separar o antes do agora.

No mais, sigo ruinzinho no *Angry Birds*, de onde ainda não consegui passar da segunda fase e o Gregory, pasmem, o Gregory ainda confunde cu-de-galinha com nhaque, pelo menos na prática de seus dedos pouco treinados em trabalhar mais do que nas pontas. Mas já acreditamos sensivelmente que nenhum dos dois é abobado, conforme os nossos hoje menos sádicos Supereus. Sabemo-nos

afetáveis um pelo outro e, no meio dessa história possível, eu nos considero suficientemente curados da aventura humana. Ou seja, curados a ponto de nos dispormos a seguir vivendo o que nem sempre tem cura.

## Referências

- Andrade, C. D. de. (2012). *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Benjamin, W. (2014). O Narrador, em *Obras Escolhidas, Volume 1*. São Paulo: Brasiliense.
- Diatkine, R. (1994). *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Freud, S. (1996). *Lembranças encobridoras*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. II ). Rio de Janeiro: Imago. ( Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996). *O Humor*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ( vol. XXI ). Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996). *Análise terminável e interminável*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ( Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. ( Trabalho original publicado em 1937).
- Golse, B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris: Puf.
- Lebovici, S. (1998). *L'arbre de vie – Eléments de la psychopathologie du bébé*. Ramonville Saint-Agne, érès.
- Milner, M. (1991). *A Loucura Suprimida do Homem São- Quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. Rio de Janeiro : Imago.
- Nava, P. (1972). *Baú de ossos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Peeters, B. (2013). *Derrida – Biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Pontalis, J. B. (2013). *Antes*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Quintana, M. (2013). *Do Caderno H*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Strachey, J. (1933). *Naturaleza de la Acción Terapêutica del Psicoanálisis*. In : Revista de Psicoanálisis. Buenos Aires: APA, Ano V, 1, 951-983.
- Vargas L. M. (2013). *A civilização do espetáculo*. São Paulo: Objetiva.
- Winnicott, D.W. (2002). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador : estudios para una teoría del desarrollo emocional*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1965).